

Memória do petróleo se perde no Lobato

PIONEIRISMO ESQUECIDO - Num subúrbio de Salvador, o "ouro negro" brasileiro brotou pela primeira vez, mas o significado desse fato não é transmitido às gerações que chegam

José Castro

A área conhecida como berço do petróleo brasileiro, situada no bairro Jardim Lobato, em Salvador, não é uma área de contrastes. Todos ali padecem da mesma sorte: o esgoto corre à céu aberto, falta posto de saúde e são precárias as condições gerais de urbanização. Já os comerciantes torcem para que as rondas policiais aumentem na tentativa de reduzir os assaltos.

Isaltina dos Santos, 84 anos, mora na Rua do Amparo, tem seis filhos, três cachorros e netos que não sabe a conta. Vive com os R\$ 180 que ganha da pensão deixada pelo marido. "Isso aqui já foi bom de viver, mas, por mim, se me tirassem daqui hoje eu ficava era feliz, até o asfalto tá velho", reclama ela, uma das poucas testemunhas das primeiras prospecções comerciais de petróleo do Brasil, feitas por ali depois que o petróleo jorrou em 21 de janeiro de 1939. "Na época eu tava com a perna quebrada e lembro deles (dos operários) dando quentinha a gente para nós não ir pro fogão e botar fogo em tudo", relembrava, bem humorada.

Mas apesar dos baixos indicadores sociais, a comunidade teve alguns ganhos na última década, como a sinaleira do retorno na Avenida Suburbana, além da implantação do sistema de água e um ponto de ônibus, junto à Igreja Universal. Três escolas servem atualmente ao bairro: as estaduais Raimundo Matta Pires e Tereza Helena Matta Pires e a Escola Municipal Tomé de Souza. "Falta aumentar o número de linhas servindo aqui, assim como

a instalação de uma delegacia para melhor proteger o bairro", reivindica a representante voluntária dos moradores, Adélia Jesuina de Araújo. A propósito, creche é outro serviço que não existe no Jardim Lobato.

"A questão da assistência médica também deveria ser mais bem olhada, pois, quando alguém tem alguma coisa, temos que correr para o Posto de Saúde de São Caetano ou para o Hospital São Jorge, no Largo de Roma", denuncia o morador e filho-de-santo Tárcio Barreto, 57 anos.

Ruas esburacadas

Algumas das ruas do bairro foram batizadas pelos pioneiros da prospecção petrolífera. É o caso da Rua Oscar Cordeiro, homenagem ao presidente da Bolsa de Mercadorias da Bahia e um dos pioneiros (ao lado do engenheiro Manuel Inácio Bastos) a encampar a luta pela exploração do petróleo baiano. Nem por isto a rua é calçada ou mesmo bem pavimentada. "Já fui assaltado três vezes só em 2001, devia ter um posto policial por aqui", reivindica o gerente do Mercadinho Freitas, George dos Santos. A Rua Getúlio Vargas, homenagem ao único presidente a pisar naquela lama de onde brotou o ouro negro, também não é pavimentada.

"O bairro onde se descobriu o petróleo poderia ser melhor se houvesse lazer para os jovens, uma quadra, para a gente não ter que ir para a área dos outros, arriscando tornar um tiro", opina o morador Ilheron Luis Rodrigues da Silva, 18 anos.



Foto: Antônio Quirino

A urbanização precária caracteriza o bairro, que lamenta ainda a falta de assistência médica



Foto: Antônio Quirino

Em vez de lazer para os jovens, como querem os mais velhos, as ruas livres se destinam ao lixo

Descaso consome os velhos símbolos

Dos quatro poços de petróleo perfurados na área antigamente conhecida como Cacimbaú (uma roça pertencente a José de Freitas, no então Cabrito, atual Jardim Lobato), dois já foram destruídos pelo processo de urbanização decorrente da construção da Avenida Suburbana, em 1970. Os outros dois, administrados pela Petrobras e por ela transformados em monumento, estão em processo contínuo de deterioração.

No primeiro poço, na Rua do Amparo, existe uma espécie de obelisco que homenageia Getúlio Vargas. Uma placa de mármore já sumiu e o local hoje é arredadeado por esgoto, que espalha muí cheio em toda a área.

No segundo monumento, situado entre a Rua do Amparo e a linha férrea, está uma peça de ferro, já enferrujada, simbolizando as sondas. A placa de concreto posta na década de 60 para homenagear o local está praticamente ilegível.

Antes de 1933, data em que o engenheiro Manuel Inácio Barros trouxe conhecimento do óleo negro que os moradores locais utilizavam nos candeeiros, 18 experiências de prospecção já tinham sido feitas em outros Estados. Daí Monteiro Lobato ter de fagradado, ainda no início da década de 30, a campanha de que havia petróleo no solo brasileiro.

A redenção aconteceu em solo baiano, quando a quarta tentativa frutificou em um jorro de petróleo, 210 metros terra abaixo, junto à Enseada do Cabrito, há 63 anos. O escritor seria homenageado, na década seguinte, com a colocação de seu nome no local. Seu devaneio jorrou também em Candeias, Pojuca e Alagoinhas, em 1941, iniciando-se a exploração a partir de 1950, até o declínio, a partir do final da década de 60.